

## Conversa com o Dr. Alfredo Pimenta

Numa tarde, há quantos, quantos anos? disse-me o meu Avô Alberto: — Anda daí, vamos visitar o Alfredo Pimenta.

Fomos. A pé, a cortar a direito por S. Pedro, não fica longe a Casa da Madre de Deus da nossa. Havia poeira, granito, penedos, silvas nas beiradas e aquela deliciosa mata de carvalhas, o chão cheio de bolotas. De longe, confundia-se o casario com a terra; a paisagem era doce, alegre como o verde a cantar em todos os campos, a romper por todos os lados.

Fazia calor. Lembro-me do contentamento do Escritor com a visita de meu Avô, do grande copo de água fresca que bebi. De que falaram? O que disseram? Durante toda a tarde prendi os olhos nas estantes em que não mexi; ouvi o murmúrio do tanque. Na volta, garatujei num caderno: — “fui hoje a casa dum que disseram ser um grande escritor. É amigo do Avô. A casa é simpática, ele nada me disse, o chá estava bom”.

Li, mais tarde, as “*Páginas Minhotas*”. Quem resiste ao encanto desses pedaços do Minho, hoje quase só lembrança, de carros de bois a chiarem, trajes garridos pelos caminhos, cada casa com sua alma, muito longe do cimento, da série, do feio? Estudei Alfredo Pimenta, Historiador e Investigador; senti-o como Poeta a cantar Portugal. Parei nos seus primeiros escritos, diversos na forma, no dizer, quase sem vestígios do grande Homem de letras, do seu claro e profundo pensar.

Passear nos campos. Pelas terras onde Alfredo Pimenta cismou em menino. Olhar para uma poça quase parada. Brota, muito devagar, um fio de água, pesada, turva. Adiante, salta um socalco. Deixa um terraço, uma espuma, uns ciscos. Contorna os escolhos. Corre. Corre pelas pedras, entra na terra, lava-se nos milheirais. Cada vez mais branca. Límpida. Viva. Calcorreia pelos seixos, É a mesma água; tão outra da poça, purificada, limada pelas curvas, pelo chorar, o rir do seu percurso.

Da mesma pena, do mesmo génio nasceram: o “*Eu*”, em 1904, as “*Três Verdades Vencidas — Deus, Pátria, Rei*”, em 1949, toda

a restante obra do Dr. Alfredo Pimenta. Fica-me a máguia de nunca o ter ouvido, de não ter sentido os lampejos da sua inteligência, o relampejar da sua controversa personalidade.

No seu artigo tão sentido e tão bonito “Elegia sobre a morte dum amigo” (1) Alfredo Pimenta evoca Alberto Margaride. Escreve: “...Cobriam-lhe o ataúde de pinho duas bandeiras: a dos Combatentes da Guerra que ele bem merecia que o agasalhasse; e a outra...”

Ao comemorar o centenário do nascimento do grande escritor, gostava, se lhe pudesse falar, de primeiro lhe mostrar a carta deixada por Alberto Margaride a seus filhos. A “outra” não estava ali pela República, mas sim por Portugal, que representava, sempre por meu Avô servido em África, no continente, como Oficial, como Português.

Depois falaríamos da água. Daquela. “Do tanque de pedra debaixo da varanda aonde vem dar uma regoa de água”. Água na qual tem partilha o Casal de Penouços de Cima, em S. Mamede de Aldão, “desde o dia de S. Pedro até nossa sr.<sup>a</sup> de agosto”. Da Fonte da Fontela. Da Casa nova que serve de adega e lar, metade telhada, metade colmaça. Da adega “com um tabuleiro para onde se lançam as uvas para o lagar”. Da lata com esteios de pedra, das cortes, das árvores de fruto, da eira “cercada de pedra”. Da laranjeira e da oliveira com seus recios. Surgiria todo o casal de Penouços de Cima, em Aldão, emprazado pelo Cabido, em renovação, a 7-12-1656, a seu 7.<sup>o</sup> avô na varonia, João Lopes, (2) então mancebo solteiro, a assinar de cruz, grossa e tosca, a posse das terras a ele

(1) in «*Páginas Minhotas*», pgs. 209 e 216.

(2) As frases entre aspas são copiadas da «*Renovasam do Prazo de Penouços de Cima*», a 7-12-1656, Tab. Domingos Lopes, L.<sup>o</sup> de Notas do Cabido, ps. 56 v.<sup>o</sup>, Arq. Mun. A. Pimenta (A-1-2-6c). Traz a descrição de todo o casal.

No «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. V, p. 117 no «*Livro dos Privileg. de N. Senhora da Oliveyra*» vem: «Freg.<sup>a</sup> de S. Mamede de Aldão — 1.<sup>o</sup> Casal de Penouços em q mora Joaõ Miz, ora Joaõ Lopes: Este casal foi emprazado pelo sr. D. Prior Sebastião Lopes a Affonso Dias e mulher Maria Lopes, por escriptura de 2 de Maio de 1531, pelo Tabelião Braz Fernandes de Villa Viçosa: sendo possuido por António Dias, este renunciou o direito delle ao D. Priorado para se fazer novo prazo a seu filho Domingos Lopes, a quem effectivamente foi emprazado pelo Sr. D. Prior D. João de Bragança, por escriptura de 10 de Fevereiro de 1584, pelo tabelião Manoel Gonçalves, pelo foro de 300 réis, 4 alqueires de trigo, 1 alqueire de meado, 1 carro de palha triga, 4 galinhas, 1 carro de lenha e 2 carretos, luctuosa

deixadas por seu tio Sebastião Lopes, marido que fora de Maria Jorge (3).

Então continuaríamos a conversa. Não sobre a Idade-Média, onde o Historiador com facilidade debruçava a sua pena e o seu saber. Ficariamos pela rua de S. Domingos, em Guimarães, meados do século XVII, sombras a mexerem-se nas gelosias. Lá sobe João Lopes, varapau na mão, para fazer a escritura de seu dote com Maria Jorge (4), da Rua dos Gatos. Lá chega Sebastião Francisco, ferreiro, da Cruz da Pedra, tio da noiva, a dotá-la com 15\$000. Lá aparece Maria Jorge, também sua tia, a entregar 100\$000 “por a desejar ver casada e honrada”(5).

---

a renda, e laudemio de 5.º, não podendo cazar sem licença do Priorado, pena de pagar a renda em dobro, e quando fizessem prazo pagariam 1 alqueire de trigo-1 almude de vinho, e 1 carneiro, tendo o Priorado a liberdade de cortar a madeira que quizesse para seu serviço, e depois por declaração manual de 20 de Abril de 1584 se diminuiu um carroto: renovado pelo R.mo Cabido Collegiata Prelatiai<sup>l</sup> vaccante em 7 de Dezembro de 1656 a João Lopes pelo T.am Domingos Lopes: renovado pelo Sr. D. Prior D. Diogo Lobo da Silveira, por se julgar o Cabido não podia fazer prazos a João Lopes, por escriptura de 8 de Junho de 1664, pelo Tabelião Domingos Coelho».

(3) «quitasão de João Lopes do Casal de penoussos a Marta Jorge v.ª que ficou de Seb.am Lopes m.or no dito c.al». L.º de notas do Tab. Bento da Cruz Lobato, Arq. Mun. A. Pimenta (12-3-52). Foi a 2-6-1657: João Lopes «mancebo solteiro», m.or no Casal de Penouços, freg.ª de Aldão, maior de 25 anos, aparece, juntamente com Marta Jorge, v.ª de Sebastião Lopes, m.or no mesmo casal. Prova-se que este último, em seu testamento, deixa o casal ao primeiro, seu sobrinho João Lopes, que dá à tia viúva quitação de todos os bens que lhe couberam na carta de partilhas do tio.

Não consegui saber quem foram os pais de João Lopes; deduzo que seja neto de Domingos Lopes, sr. do Casal em 1584 (v. nota anterior). Sei que «Bastião irmão de João Lopes m.or no casal de penoussos da freg.ª de S. Mamede de aldão assentou praça para ir servir a S. Mag. de na forma do assento atraz e se obrigou o dito seu irmão a dar conta delle todas as vezes que fose mandado em o fazer vir asinar de q se fes este termo em Camara a 24 de Mayo de 639 João + Lopes, Sebastião Lopes» (Livro do alistamento dos Priviligiados — Codice 1279, doc. 33)», In «Boletim» acima citado, mesma pag. Deste Sebastião Lopes não tenho mais noticias.

(4) Era f.ª de Pedro Fernandes, então já defunto, e de sua m.er Cecília Antunes, moradores na Rua dos Gatos, Guimarães.

(5) «Dote q ffes o esposado João Lopes do Cazall de penoussos da freg.ª de Aldão com a esposada m.ª Jorge da Rua dos Gatos», a 23-3-1658, L.º de notas do Tab. D.os da Cunha (12-4-23), Arq. Mun. A. Pimenta. Dote dele: o casal de Penouços de Cima onde vive «q houve por titulo de nomeação que nele fez seu tio debastião Lopes cazado q foi com Marta Jorge viuva que presente estava com consição que elle esposado pagasse cem mil reis à dita Marta Jorge veuva». Dote dela:

E indo depois ao Casal de Penouços, terras do noivo, veríamos, ao calor da eira, os seus filhos: Francisco Lopes Cardoso, sucessor, Marta, Maria Lopes<sup>(6)</sup>. A sotaina preta do Reverendo Francisco Cardoso, tio das crianças, vigário de S. Mamede de Aldão<sup>(7)</sup>. Os pequenos, filhos do segundo casamento de João Lopes com Isabel Sodré: Domingos Lopes, João, Angela Sodré, Catarina, Paula Sodré, Rosa Lopes<sup>(8)</sup>, arcas cheias de linho, fartura de milhos, força das uvas. Penso então que ficaríamos calados, a

---

a legítima recebida do pai, e por conta da legítima da mãe, soldadas e colações: 40\$000 em dinheiro de contado; 15\$000 de seu tio Sebastião Francisco, ferreiro, «consignados no terço da sua alma» e 100\$000 de sua tia Marta Jorge. Ficaram os noivos com obrigação dos bens de alma de Marta Jorge e de lhe fazerem por sua morte um ofício de nove lições e 3 missas em S. Pedro de Rates.

Marta Jorge «m.er que foi de sebastião lopes de penouços de sima, faleceu com testamento, deixando a João Lopes, m.or no mesmo lugar por seu herd.º e testamenteiro», a 28-10-1674. M 1 de S. Mamede de Aldão, Arq. Mun. A. Pimenta.

(6) Por os baptisados no M 1 de Aldão só principiarem em 1672, não se encontram entre eles os dos filhos mais velhos de João Lopes. Do seu casamento com Maria Jorge tenho notícias de 3: Francisco Lopes Cardoso, suc.; Marta «f.º de João Lopes e de sua m.er M.ª Jorge já dufunta do casal de Penouços desta freg.ª, + a 6-7-1696, com todos os sacramentos e sem test.º (M 1 Aldão) e Maria Lopes, casada a 2-4-1688 com Domingos Francisco, do Casal das Quintãs, S. Torcato, c. g.

(7) O P.e Francisco Lopes Cardoso foi vigário de Aldão, pelo menos desde 1672. Faleceu a 20-3-1704. Seu test.º foi Gonçalo de Freitas, do lugar do Cano, freg.ª de Azurém, e por herd.ª ficou sua alma. No assento de óbito de Paula Sodré (v. nota seg.te) lê-se que o P.e Francisco Lopes Cardoso era tio dos filhos de João Lopes, do Casal de Penouços. Seria seu irmão?

(8) João Lopes passou a 2.as núpcias com Isabel Sodré, que faleceu em Penouços a 8-12-1691. Foram seus f.os: a) Domingos Lopes Cardoso, x a 14-1-1697 com Margarida Salgada, f.ª de Domingos Mendes e m.er Antónia Correa, do «Serafam»; b) Paula Sodré, + 4-3-1716, m.er de Jerónimo de Freitas, do Assento de Aldão, (casaram a 13-6-1705) «sep. junto ao Arco da Igreja na sepultura que foi de seu tio o P.e Francisco Cardoso»; c) Ângela Sodré, b.a a 9-10-1672: o padrinho foi Pedro João, sapateiro em Guimarães, + no Assento de Aldão a 19-11-1727, x a 17-10-1694 com Francisco Martins, f.º de Pedro Jorge e m.er Jerónima Martins, do lugar de Cima de Selho, freg.ª de S. Lourenço, c. g.; d) João, b. a 6-1-1675, afilhado do futuro sogro de sua irmã Ângela; e) Catarina, b. a 18-2-1677: os pad.os foram Bento Coelho e Maria Ana, da vila de G.es; f) Catarina, b. a 11-9-1678, teve o mesmo padrinho que o João a madrinha foi Ângela, também de Penouços; g) Bento, b.a 12-12-1680, tem os mesmos pad.os que a 1.ª Catarina; h) Rosa Lopes, b. a 30-1-1685, afilhada de Pedro Sodré, do lugar da Granja, e de Ângela, solt.ª, de Penouços, x a 15-10-1720 com Domingos de Freitas, da freg.ª de S. Romão de Arões.

João Lopes + em Penouços de Cima a 22-7-1717, «viuvo, sem test.º por ter dotado a sua fazenda a seu f.º Francisco Lopes, e a escritura serve de testamento. Sepultado junto à porta principal da Igreja». Todos estes dados foram tirados do M 1 de Aldão.

ouvir o silêncio dos campos, o cantar dos grilos e dos pássaros, uma voz a rezar, o luar a dançar na pedra.

Francisco Lopes Cardoso, senhor de Penouços, casou a 9-9-1698, na Igreja de Santa Maria de Guardizela, com Isabel Dias Pimenta<sup>(9)</sup>, do Casal da Torre, da mesma freguesia<sup>(10)</sup>. Filha de Pedro João e de Ana Alvres Pimenta, recebidos em S. Martinho do Campo a 20-4-1661<sup>(11)</sup>, é neta materna de António Alvres, do Outeiro, e de sua mulher, Isabel Dias Pimenta. E é sua irmã, Ana Pimenta,<sup>(12)</sup> pois já são orfãs, que a 25-5-1699 entrega a seu sogro João Lopes, de Penouços, os 300\$000 de seu dote<sup>(13)</sup>. Enquanto João Lopes conta devagar as moedas, vamos nós saber desses Pimentas, de Refojos de Riba d'Ave, hoje do concelho de Santo Tirso.

A 20-11-1646, em Santa Maria de Guardizela, Baltazar Antunes, Francisco Nogueira, da Rua Nova das Oliveiras, em Guimarães, e, no dia seguinte, António Coelho, na Casa do Cabido da Insigne Colegiada, dizem conhecer a Baltazar Fernandes e a sua mulher Catarina Gonçalves, moradores em Paredes, freguesia de S. Tiago da Carreira<sup>(14)</sup>. Felgueiras Gayo no seu tomo XXIII, em Pimentas de Guimarães, dá a Baltazar Fernandes, acrescentando-lhe o apelido Pimenta, como origem dessa geração<sup>(15)</sup>. E nós?

---

<sup>(9)</sup> Nascida a 19-5-1672 no Casal da Torre, freg.<sup>a</sup> de Guardizela; foi afilhada do P.e António Ribeiro e de Maria, f.<sup>a</sup> de Bento Francisco, do Pinheiro, freg.<sup>a</sup> de Lordelo, (M 2 de Guardizela, Arq. Mun. A. Pimenta.)

<sup>(10)</sup> M 2 de Guardizela, Arq. Mun. A. Pimenta. Os pais da noiva, Pedro João e Ana Alvres Pimenta, já tinham falecido.

<sup>(11)</sup> M 2 de S. Martinho do Campo, Arq. Dist. do Porto. Isabel Dias, mãe da noiva, tinha morrido no Casal do Outeiro a 29-4-1658. O seu casamento não se encontra nesta freg.<sup>a</sup>; o casal vem pelo marido, António Alvres.

<sup>(12)</sup> Ana Pimenta foi quem ficou com o casal da Torre, em Guardizela; casou e teve g.

<sup>(13)</sup> «quitação q deu Anna pimt.<sup>a</sup> da freg.<sup>a</sup> de gardizella a João Lopes de penouços freg.<sup>a</sup> de Aldão e seu tr.<sup>o</sup> com o R.do Bento Ribeiro e o p.e D.os Rib.<sup>r</sup>o da d.<sup>a</sup> freg.<sup>a</sup> de Gardizella», a 25-5-1699. L.<sup>o</sup> do Tab. António Ribeiro (14-1-8), Arq. Mun. A. Pimenta.

<sup>(14)</sup> «Delig.as de Ant.<sup>o</sup> Dias Pimenta tiradas pellos Conigos Christovão Ferras e Mígel de affonseca Arrochela», a 20-11-1646, in «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. II, p. 105. O cônego António Dias Pimenta é neto paterno de Baltazar Fernandes e de sua m.er. V. nota segte.

<sup>(15)</sup> Ao começar este (parágrafo) Felgueiras Gayo não diz quem são os pais de Baltazar Frz Pimenta e seu irmão Ant.<sup>o</sup> Dias Pimenta «cazado com M.<sup>a</sup> Peixoto Instituirão Morgado com a Capella de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Persinculla em S. Fran.co de Guimarães, e por não terem f.os chamarão seu sobrinho Simão Dias Pimenta».

—Onde ficava a casa de Baltazar Fernandes? Do que era irmão de António Dias Pimenta, o da governança da vila de Guimarães? Não repicaram os sinos na freguesia de S. Tiago da Carreira no seu casamento, no das suas filhas, nos baptisados? Não dobraram tristemente no seu falecimento e no de sua mulher? Cem anos são folheados no Misto 1 de S. Tiago da Carreira: não é padrinho, não assina, não é citado. Nada. Enganaram-se as testemunhas? Seu irmão, António Dias Pimenta, vereador, enriquece no mercadejar do Guimarães filipino, compra terras, casa com uma fidalga dos Peixotos, recebe tenças por serviços na Índia, e, por não ter filhos, chama por herdeiro, no vínculo que institue, a seu sobrinho Simão Dias Pimenta, mercador em Guimarães, filho de Baltazar Fernandes<sup>(16)</sup> Começam os Pimentas da Casa da Aveleira. Não teve mais filhos Baltazar Fernandes?

Houve, pelo menos, a Agostinho Fernandes, Monge de S. Bento. O que vai a 26-11-1631 a S. Tiago de Ronfe presidir ao casamento de seu irmão, Simão Dias Pimenta<sup>(17)</sup>. O que, a 17-2-1633, “abade de Bente”, baptisa em S. Martinho do Campo a Maria, filha de António Alvres e de sua mulher Isabel Dias Pimenta,<sup>(18)</sup> avós de Isabel Dias Pimenta, a casada para Penouços. Falta apenas ver, perguntar aos restantes livros do concelho de Refojos de Riba de Ave, onde viveu Baltazar Fernandes, onde nasceram seus filhos: Simão, Agostinho e, quem sabe? Isabel, para que a origem do nome Pimenta, conservada pelos de Penouços, seja a mesma dos da Aveleira; nuns, colorida pelo mercadejar, afidalgada pelas alianças; noutros, ignorada pelo labor da terra.

Voltariamos a Penouços. Francisco Lopes Cardoso e Isabel Dias Pimenta tiveram muitos filhos<sup>(19)</sup>. Já casou seu sucessor,

---

E com o filho de Baltazar Fernandes, Simão Dias Pimenta (o único que lhe dá), segue o parágrafo: — Casa da Aveleira. Simão Dias Pimenta é pai de, entre outros, do cônego António Dias Pimenta.

(16) V. «*Velhas Casas VII, Casa da Aveleira (Penselo)*», p.s 21 a 35 onde estudei os Pimentas da Aveleira.

(17) Nota 58 do trabalho acima citado.

(18) M 1 de S. Martinho do Campo, St.º Tirso, Arq. Distrital do Porto.

(19) Foram: Bento, n. em Penouços, como todos os irmãos, b. a 27-7-1699, afilhado do Lic.do Bento Ribeiro, abade de St.ª Maria de Guardizela, e de Ana Dias Pimenta, da mesma freg.ª; Maria Lopes Pimenta, b. na Colegiada de N. Sr.ª da Oliveira, em Guimarães, a 15-11-1701: os pad.os foram Felipe de S. Tiago, e Ana Dias Pimenta, de Guardizela; João Lopes Pimenta Bernardes, sucessor (v. texto), b. a 10-4-1704, afilhado de Gregório Alvares, vigário de S. Lourenço de Selho, e de

João Lopes Bernardes (20), com Margarida Luísa Ferreira, nascida a 6-9-1717 no assento de S. Tiago de Ronfe (21). Fala então o Dr. Alfredo Pimenta: "Esta minha Casa da Madre de Deus é uma coisa somenos; paga sesenta razas de milho, centeio e feijão. A importância advém-lhe de ser cabeça de comarca, quero dizer, a terra onde está a casa senhorial.

É muito antiga; tenho no meu arquivo um prazo de 1565.

E anda na família, desde, pelo menos, 1762, em que, em 28 de Julho, minha trisavó "Margarida Luiza Ferreira, viúva, da freguesia de São Mamede de Aldão desta villa de Guimarães" requer ao Convento da Costa que lhe passe certidão do Prazo mais antigo que houver do Casal da Madre de Deus.

Em 7 de Agosto de 1767, um filho da minha trisavó, meu tio bisavô, Silvestre Lopes Pimenta, estudante e filho legítimo de Margarida Luiza Ferreira, viúva que ficou de João Lopes, (22) do

---

Maria Lopes, do casal das Quintãs, S. Torcato; (M 1 Aldão); Mariana Lopes Pimenta, b. a 4-1-1707; os pad.os foram o P.e Jm.º Coelho e M.ª da Costa, m.ores no Terreiro de S. Paio, em Guimarães. X com Gervas Fernandes, do lugar das Casas Novas, Aldão, c. g.; P.e Agostinho Lopes Pimenta, b. a 28-8-1709, afilhado de João Duarte, solt.º, de Cima de Selho, e sua tia pat., Catarina; António, b. a 4-4-1712: os seus padrinhos foram o Rev.do cónego Manuel de Brito Pimenta (dos Pimentas da Aveleira) e Serafina, de S. Lourenço de Calvos. — Francisco Lopes Pimenta de Penouços de Cima + a 8-9-1733, e sua m.er a 7-1-1737 (M 1 Aldão, e os bap. são do M 2).

(20) De Bernardo Fernandes, sr. da Casa da Portela, em S. Jorge do Selho, descendem os Bernardes, família com muitas ramificações e várias vezes citada nos meus estudos. O Lic.do Bento Ribeiro, abade de Santa Maria de Guardizela, freguesia donde era oriunda Isabel Dias Pimenta, e padrinho de seu primogénito, era desta família. Até onde fui não consegui provar parentesco entre os de Penouços e os de Portela. Terá João Lopes Pimenta Bernardes usado este último apelido como homenagem ao Abade de Guardizela?

(21) M 3 Ronfe, Arq. Mun. A. Pimenta. Era f.ª de João Francisco e de sua m.er Ana Ferreira, m.ores no lugar do Assento, em Ronfe; neta pat. de Domingos Francisco, do mesmo casal, e de sua m.er Margarida Francisca, do casal de Chouzende e da mesma freg.ª, e mat. de Pedro Fernandes e sua m.er Maria Ferreira, m.ores em Salvador de Joane. João Lopes Pimenta Bernardes e Margarida Luísa Ferreira x em Santiago de Ronfe a 27-8-1735, M 4 Ronfe, Arq. Mun. A. Pimenta.

(22) «Joam Lopes Pimenta de Penouços de Cima + a 15-1-1751 com todos os sacramentos sepultado em hua das suas sepulturas amortalhado em habito de S. Fr.cº». Os bens de alma foram os de uso e costume e «herd.ros seus f.os dentre ele e sua m.er Margarida Luísa Ferreira a nomiação dos prazos e propriedades em um seu filho que sua mulher escolhesse e na escolha instituiu a reserva que lhe parecesse e na falta de sua m.er ou cazando-se ela novamente dava todos os poderes em direito com especial e geral administração a seu primo Francisco Lopes

lugar de Penouços, freguesia de São Mamede de Aldão, declarou que pretendia “ordenar-se de ordens sacras por ser o mais puro e perfeito estado em que se podia empregar”, e constituir seu património...” (23).

Penouços de Cima, criados e amos a trabalharem a terra, brancas ovelhas a darem lã, vida simples de sol a nascer todos os dias, cheia de filhos. Filhos sacerdotes, filhos a partirem para outros casais, filhos a continuarem a casa. José, solteiro, criado de Penouços de Cima, doente de há muito. “Deixou as ovelhas que tinha a sua ama Margarida Ferreira pelo trabalho que teve em o curar tantos anos porque lhe parecia que muito mais lhe devia...” (24).

Foi para o mais novo, José Bernardo Lopes Pimenta (25), nascido antes da morte do Pai (26)), que ficou Penouços. À freguesia de Serzedo, de linda igreja de raiz românica, capela mor coberta de frescos (27), ao Casal de Segoiva, vai buscar noiva: Maria Teresa

das Quintãs de S. Torcato para poder fazer a dita escolha em um dos seus filhos que melhor lhe parecer» (M 1 Aldão). Margarida Luísa Ferreira + a 10-2-1796 (O, 1 Aldão).

(23) in «*Páginas Minhotas*» VIII — A Mulher de Donim — p.s 57 e 58.

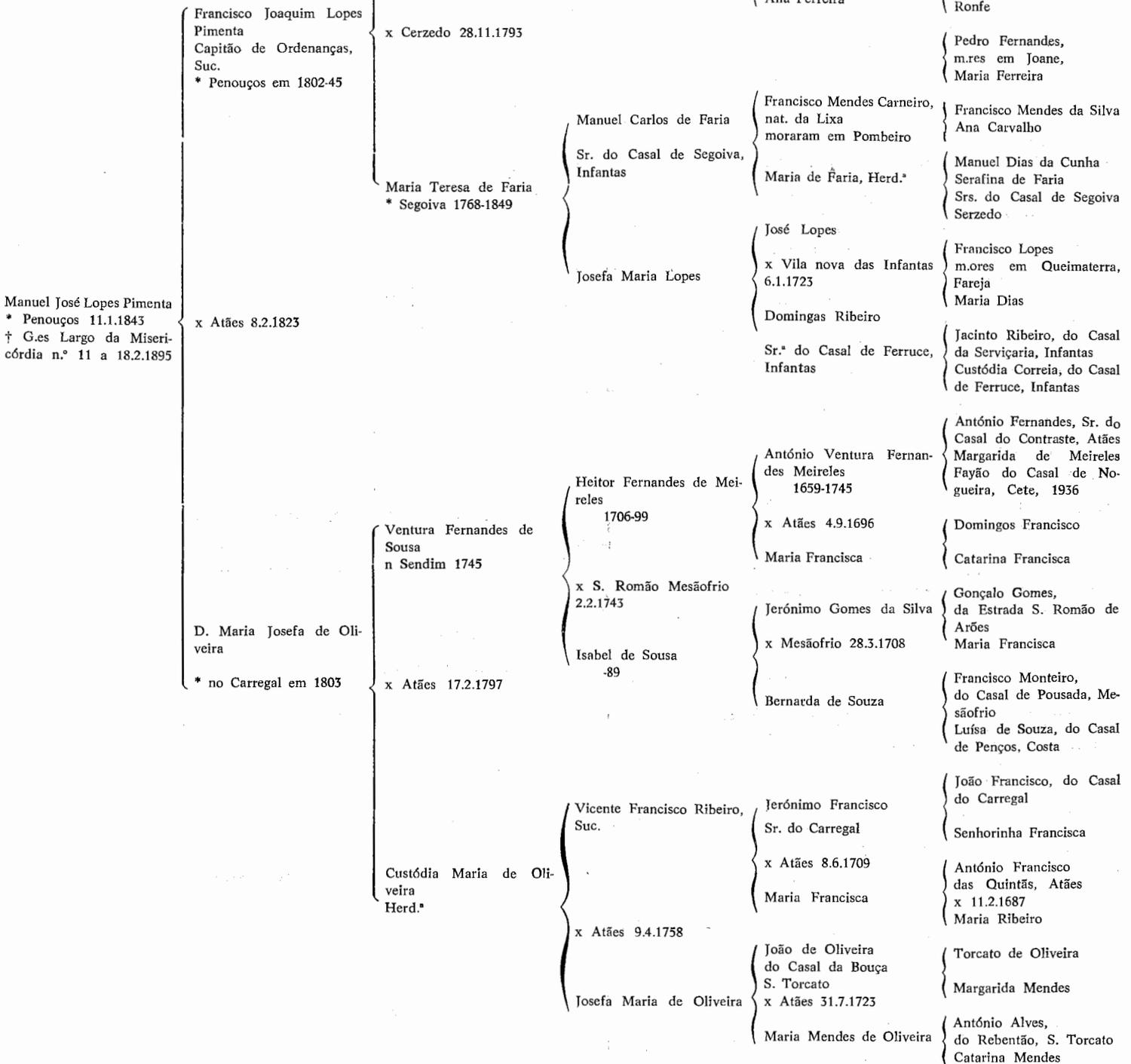
(24) Assento de óbito dum criado de Penouços a 22-4-1759, M. 1 Aldão. Anos depois encontro, a 30-12-1800, a morte de Pedro António «escravo de Penousos de Sima com todos os sacramentos penitencia e sagrado viático e Extremaunção adun, e ad, foi sepultado dentro desta mesma Igreja era pobre», e a 21-1-1813 o falecimento de «João José creado que foi de José Bernardo do lugar de Penousos de Cima faleceu da vida presente, dum golpe que deu e escuou-se de sangue tam repentinamente que só foi absolvido sub conditione e não pode receber os sacramentos». O. 1 Aldão, Arq. Mun. A. Pimenta.

(25) F.os de João Lopes Pimenta Bernardes e de Margarida Luisa Ferreira: João, n. a 19-4-1737: os pad.os foram o P.e Agostinho Lopes Pimenta e Jerónima de St.<sup>a</sup> Teresa, f.<sup>a</sup> de João Francisco, da freg.<sup>a</sup> de Ronfe; António, n. a 12-10-1739, afilhado de António Lobo Guimarães e de Dona Francisca, f.<sup>a</sup> de Dona Maria Micaela, da Rua Nova do Muro; Francisco José, gémeo do anterior, afilhado do P.e João Lopes, cura de Aldão, e de Mariana de Souza, viúva, das Quintãs, S. Torcato; Manuel, n. a 12-12-1742: foram seus padrinhos, Baltazar Fernandes, do Assento de Aldão, e Catarina, f.<sup>a</sup> de João Francisco, do Assento de Ronfe; Lourenço José, n. a 5-9-1745, afilhado de Francisco Lopes, das Quintãs, S. Torcato, e de Joana Baptista, f.<sup>a</sup> de José da Costa, cutileiro; Padre Silvestre Lopes Pimenta, Pároco de Rendufe de Vigário Azurém, n. a 3-4-1748: foram seus padrinhos, o P.e Silvestre Lopes de Sousa e sua cunhada Catarina Ferreira, das Quintãs, S. Torcato; e finalmente José Bernardo Lopes Pimenta, suc., (V. texto), n. a 7-2-1751: afilhado de seu irmão João, e de Francisco, f.<sup>a</sup> de Joana de Oliveira, do Assento de Aldão. M. 2 Aldão, Arq. Mun. A. Pimenta.

(26) 3 semanas depois, v. nota 22.

(27) Hoje, infelizmente como muitas outras, totalmente adulterada. No «O românico no concelho de Guimarães» in «*Revista de Guimarães*», vol. XL, n.os 3-4,

**ÁRVORE GENEALÓGICA  
DO PAI DO DR. ALFREDO PIMENTA**



Manuel José Lopes Pimenta  
\* Penouços 11.1.1845  
† G.es Largo da Misericórdia n.º 11 a 18.2.1895

de Faria<sup>(28)</sup>. Irmã da que, casada para a Bornaria, em S. Pedro de Azurém, é 4.<sup>a</sup> avó dum poeta<sup>(29)</sup> — Guilherme de Faria, poeta do mar, da saudade, do desespero:

”Ai vida, noite cerrada!  
Nem um sorriso de luar  
Ilumina a treva algente  
E assim, de longe embalada  
Pelos canticos do mar  
Vai a minha alma perdida  
A chorar, saudosamente  
Pela noite desta vida.” (30)

Acabamos a conversa no avô do Dr. Alfredo Pimenta, o Capitão de Ordenanças Francisco Joaquim Lopes Pimenta, filho<sup>(31)</sup> de José

out-dez 1930, e vol. XLI, n.º 4, out-dez 1931, Luís de Pina, descreve esta igreja. Fala em todos os elementos românicos que encontrou e acrescenta: «... Por trás da Tribuna vêem-se ainda na parede rematante do altar-mór, onde se abre outra fresta primitiva de torneira, uns frescos muito danificados (século XVIII?) com representações simbólicas e fantasistas: volutas, grifos, ramagens, espirais, etc.»

(28) Maria Teresa de Faria, n. no Casal de Segóiva, freg.<sup>a</sup> de S. Miguel de Serzedo, a 17-4-1768, f.<sup>a</sup> de Manuel Carlos de Faria e de sua m.er Josefa Maria Ribeiro, neta pat. de Francisco Mendes Carneiro e de sua m.er Maria de Faria, m.ores em Pombeiro, freg.<sup>a</sup> de Santa Maria de Pombeiro, e materna de José Lopes e m.er, Domingas Ribeiro, do Casal de Ferruce, Vila Nova das Infantas: — os padrinhos foram seus tios Domingos Lopes Ribeiro Guimarães, assistente no Porto, e Padre Francisco de Faria Mendes, vigário de Ardegão. M. 4 Serzedo, Arq. Mun. A. Pimenta. Seu avô pat. era nat. da Lixa e f. de Francisco Mendes e m.er, Ana Carvalha; a avó era do Casal de Segóiva, f.<sup>a</sup> de Manuel Dias da Cunha e m.er, Serafina de Faria. Maria Teresa de Faria x em Serzedo a 28-11-1793 com José Bernardo Lopes Pimenta.

(29) «Guilherme de Faria nasceu em Guimarães. É da Casa da Bornaria. Daí o nosso parentesco. À volta de 1780, duas senhoras da Casa de Segóiva, da freguesia de Serzedo, casaram, — uma, na Casa de Penouços, com meu trisavô paterno: outra, na Casa da Bornaria, com o quarto avô paterno do poeta». In «*Páginas Minhotas*», — «Quatro Escritores Vimaraneses» 1) O Poeta Guilherme de Faria, p. 39.

Teresa Maria Ribeiro de Faria, irmã mais velha de Maria Teresa (nota ant.) n. em Segóiva a 8-10-1765. X em Serzedo a 12-3-1788 com Francisco José Vieira, sr. do Casal do Bom Retiro, freg.<sup>a</sup> de Azurém, aí † a 9-8-1806. Foram estes os avós de Emília Rosa Vieira de Faria, m.er de João Baptista Leite de Faria, avós paternos do poeta. Maria Teresa de Faria é bisavó do Dr. Alfredo Pimenta; sua irmã Teresa Maria Ribeiro de Faria é trisavó de Guilherme de Faria.

(30) Poema de Guilherme de Faria: Suplica in «*Saudade Minha*», Lisboa, MCXXIV.

(31) F.os de José Bernardo Lopes Pimenta e de sua m.er: António Joaquim, n. a 10-2-1795; José Joaquim, n. a 6-3-1800, afilhado do P.e Silvestre Pimenta, pároco

Bernardo Lopes Pimenta e de sua mulher Maria Teresa de Faria, sobrinho do Pároco de Rendufe e Vigário de Azurém, o Padre Silvestre Lopes Pimenta. No lar de Penouços ainda deitamos umas achas. À chama do lume revivem umas figuras: D. Maria Josefa de Oliveira, mulher do Capitão Francisco Joaquim<sup>(32)</sup>, as mãos consagradas dos seus filhos sacerdotes, as vidas dos outros<sup>(33)</sup>. Sobe, aquece, apaga-se. Fica só o borralho, a cinza quente: a história duma família, onde apetece mexer, revolver, espevitar. Não resistimos. Às lufadas do fole, soprado com paciência, surge uma brasa. Sopra-se mais um pouco. Mais. Por D. Maria Josefa de Oliveira, ao seguir os seus avós e se a tradição não falha, ligamos

---

de Rendufe, de Maria de Jesus, de Segoiva, e Francisco Joaquim Lopes Pimenta, suc., n. a 3-9-1802, que teve o mesmo padrinho de seu irmão José, e como madrinha, Nossa Senhora das Dores. N 1 Aldão.

José Bernardo Lopes Pimenta, † a 11-2-1816. Foi enterrado em Guimarães, na igreja de S. Francisco, envolto no hábito de 3.<sup>a</sup> franciscano e fez testamento na nota do escrivão de Guimarães, José Leite. Sua viúva «Maria Teresa do lugar de Penouços de Cima † a 25-7-1849 ficarão-lhe erdeiros, só recebeo o sacramento da Extremaunção por não poder receber os outros». — À margem: «N. 17-4-1768 no lugar de Segoiva, freg.<sup>a</sup> de Serzedo». O 1 Aldão.

(32) Para uma resumida história das Ordenanças e Milícias ver «*Curiosidades de Guimarães — XII — Para as naus da Índia e do Brasil*, pgs. 118 a 152: «Ordenanças de Guerra, Sargentos-mores», de Alberto Vieira Braga.

(33) Foram seus f.os: António, n. a 4-4-1828, afilhado do Capitão António José Vieira, da Burnaria, e da avó pat.; Custódia, n. a 30-12-1829, afilhada de Domingos José Alves Abreu e m.er Custódia M.<sup>a</sup> da Silva Mendes; Bernarda, n. a 27-3-1831, os pad. os foram, José Martins da Costa, da Casa de Aldão, com proc. ao Capitão António José Vieira; Padre João José Lopes Pimenta, n. a 9-4-1832, afilhado, por procuração, do Sargento-Mor José António Mendes da Silva Bragança e m.er, D. Maria Rosa de Meireles; Padre Joaquim Lopes Pimenta, n. a 3-3-1834, afilhado do Pároco de Azurém, o Pe. Francisco José Vieira, da Burnaria; Silvestre Lopes Pimenta, x s. g. com Dona Emília Meyra, nascido a 7-5-1836: † os pad. os foram a avó pat. e o Pe. João José de Souza; Dona Joaquina Lopes Pimenta, x com José de Castro Meireles, nascida a 15-10-1838, afilhada do «Ill.mo Sr. José Martins da Costa e da avó pat.»; José Torcato Lopes Pimenta, n. a 12-6-1840: — pad.os: António Joaquim Lopes Pimenta e Teresa de Jesus; Lourenço, n. a 13-1-1842, afilhado de Francisco José da Cunha Nogueira, negociante, com proc. ao irmão do Bap. António Joaquim; Manuel Lopes Pimenta (pai do Dr. Alfredo Pimenta e de Rodrigo Pimenta), n. a 11-1-1843, foi afilhado da avó paterna e de António José Mendes de Oliveira, por proc. ao irmão do baptisado João José; Francisca de Assunção, n. a 15-8-1845, afilhada do P.e Francisco Vieira e de sua irmã Maria de Jesus;

«A 13-3-1845 † no Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, Francisco Joaquim Lopes Pimenta casado que foi com Maria Josefa de Oliv.ra de Penouços de Cima ficarão seus herdeiros nove filhos e um ainda por nascer e não me consta recebera os sacramentos antes me confirmaram os não recebeo». (O. 1 Aldão).

o modesto casal de Penouços de Cima à Sereníssima Casa de Bragança. Deixamos então a pena correr. Depressa. Deslumbrada com o esplendor da Corte de Vila Viçosa.

D. Maria Josefa de Oliveira, nasceu em Atães a 4-11-1803<sup>(34)</sup>, "ali lá em baixo no Carregal". Para onde se desce "por caminhos piores, quase verticais, tão difíceis que eu não sei como os carros se não despenham, quando carregados de mato, por ali passam. Descemos. Descemos. Já deixamos, para trás de nós, as Maranhas.

Águas neste Agosto seco, à flor da terra. A temperatura é deliciosa. Estamos no Carregal. E é com prazer que descortinamos a Rosa sorridente, que nos espera com o almoço vindo da Madre de Deus..."<sup>(35)</sup>. E na Igreja de Atães, então caiada, casa D. Maria Josefa de Oliveira, a 8-3-1823, com o Capitão de Ordenanças Francisco Joaquim Lopes Pimenta<sup>(36)</sup>.

Casal do Carregal, que lhe vem pela mãe, Custódia Maria de Oliveira<sup>(37)</sup>. Onde, na passagem, almoça seu neto, o Dr. Alfredo Pimenta. E já que "a Rosa, sorridente", levanta as brancas toalhas a cobrirem os cestos, o arroz de forno rescende nos alguidares e o vinho cantarola nas infusas, deixemo-nos ficar por uns instantes. Vamos falar dos avós de Ventura Fernandes de Sousa, marido de Custódia Maria de Oliveira, em Atães recebidos a 17-2-1797<sup>(38)</sup>, pais de D. Maria Josefa. Vamos atravessar os séculos.

(34) F.<sup>a</sup> de Ventura Fernandes e de sua m.er Custódia Maria de Oliveira, neta pat. de Heitor Fernandes, nat. «desta freg.<sup>a</sup> do lugar de Contraste», e de sua m.er Isabel de Sousa, nat. do lugar de Pousada, S. Romão de Mesão Frio, e mat. de Vicente Francisco, do lugar do Carregal, e de sua m.er Josefa Maria, «do lugar do Negrinho, desta freg.<sup>a</sup>» N 3 Atães, Arq. Mun. A. Pimenta.

(35) in «*Páginas Minhotas*» — III — No Monte de Athães, p. 16.

(36) «Francisco José Lopes Pimenta, f.<sup>o</sup> leg.<sup>o</sup> de José Bernardo Lopes Pimenta e de Maria Teresa, do lugar de Penouços, Aldão, casa com Maria Josefa de Oliveira, f.<sup>a</sup> leg.<sup>a</sup> de Ventura Fernandes de Souza e Custódia Maria de Oliveira, do lugar do Carregal, Atães. C. 2 Atães.

(37) n. no Carregal, f.<sup>a</sup> de Vicente Francisco Ribeiro, sr. do casal, e de sua m.er Josefa Maria de Oliveira (rec. em Atães a 9-4-1758); o Carregal vêm-lhe pela varonia, (v. Arvore).

(38) A 19-2-1797 «no Arquo Cruzeiro desta Igreja de St.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> de Atães», Ventura Fernandes de Souza, f.<sup>o</sup> le.g.<sup>o</sup> de «Eitor Fernandes Meireles e sua m.er Isabel de Souza m.ores no seu casal de sindim desta freg.<sup>a</sup>» x com Custódia M.<sup>a</sup> de Oliveira (v. os pais na nota ant.) C. 1 Atães, Arq. Mun. A. Pimenta.

*Século XVI*

É muito denso o nevoeiro. De Baltar, terras de Aguiar de Sousa, só uma notícia: ”*Aos sete d. da era de 1589 e J.mº Alv. vigario do mosteiro de S. P.º de Cete dei licença ao abade de baltar Afonso faião para baptisar nesta minha freg.ª o qual bap. a Manoel f.º de João Glz. do barr. e m.er M.ª Glz. foi pad. G.º loureiro criado do padre frey Joam prior de cete e mad. M.ª f.ª de Jorge nunes do vilar*”<sup>(39)</sup>.

O sol escalda a charneca. Daí há mais novas. A galope, para a montaria, partem os cavaleiros. Deixam, por cautela: “grandes claroens entre os cavalloos”. Lá vêm! Trazem dardos, lanças, coutos enfeitados com peles de vários bichos “que os faze fermosos”. Atraz, à desfilada, os lacaios, os ferradores, ”sabujos soltos e librees”. Pelo mato, pelas moitas, “por terra limpa a toda a fúria”, aí vem a Côrte Ducal! Saem-lhes “rapozos, gatos tixugos ou sacarrabos”; ocupam as portas. Não tardam os javalis. Deita-se fogo às moitas para os lançar fora. Alcançam “o porco”, fazem por lhe dar “cõ a lança na vazia, que he a parte mais branda que elles te”. Emparelhados com o porco, lança em riste, avançam. Por fim, às lançadas, cai o pobre animal, quando não um veado Real com a “corná mui be esgalhada”...<sup>(40)</sup>.

Silêncio em Baltar; notícias escassas. Algazarra, movimento na corte de Vila Viçosa. Arquivada em muitos documentos, crónicas, alguma bibliografia fica a vida do Serenissimo Senhor Dom Teodósio I, V Duque de Bragança e III de Guimarães, amante das anti-guidades, pintura e escultura, autor dos “*Os Livros das Muitas coisas*”, falecido em 1563.

*Século XVII*

De 11-5-1603 a 16-8-1622 uma ligeira quebra no silêncio de Baltar: a letra cuidada, erudita, de Afonso Faião, seu abade, a

(39) M. 1 de S. Pedro de Cete, Arq. Dist. do Porto.

(40) Colhi estes elementos na «*Arte da Cavallaria de Gineta, e Estardiota, Bom Primor de ferrar e Alveitaria*», de António Galvão e Andrade, Lisboa, na oficina de Joam da Costa, MDCLXXVIII. Embora se trate duma caçada do tempo d'el Rei Dom João IV, penso que se pode adaptar à época de seu bisavô.

assinar o livro dos assentos da freguesia<sup>(41)</sup>. E também, a 16-9-1608, o casamento de “G.º nogueira com Leonor Faioa”, recebidos pelo Vigário de “Sourega”; nesse mesmo dia, e na mesma igreja, Afonso Faião celebra outro casamento<sup>(42)</sup>. De Cete, da sua Casa de Nogueira, os primeiros choros dos filhos de Gonçalo Nogueira e sua mulher Leonor ”Faiyoa”: a mais velha é Maria, baptisada a 21-4-1611, Luzia é a segunda, baptisada pelo Abade de Baltar; seguem-se os outros<sup>(43)</sup>. Por fim, ”aos tres de outubro de mil seiscentos e v.te e dous annos faleceo o Abb.e Afonso Fayão fez test.mtº mandou dizer em cada estado treze missas nesta Igreja e trez no Santo lenho”<sup>(44)</sup>.

Continuamos com a primogénita, Maria Nogueira Fayão, casada com António de Meireles<sup>(45)</sup>, mercador de panos, a viverem

---

(41) M. 1 Baltar. A letra do Abade de Baltar mostra claramente ser a duma pessoa ilustrada. Arquivo Distrital do Porto. Lê-se em «*Os Braganças da Província do Minho*» do Dr. Elísio de Sousa, p. 250 «Afonso Faião, filho bastardo de Dom Teodósio I, V Duque de Bragança, nasceu em Vila Viçosa, filho duma Dama solteira do Paço Ducal, e foi abade da freguesia de Baltar, apresentado pela Casa de Bragança aos 13 anos». O mesmo autor, citando Teixeira de Vasconcelos no «*Les Contemporains Portugais, Espagnols et Brésiliens. Le Portugal et la Maison de Bragançe*», Paris, 1859, diz que Dom João, filho de Dom Teodósio I, reconheceu o Abade de Baltar como seu irmão, conseguindo que ele uzasse as armas ducais.

(42) «Aos dezasseis dias do mes de setembro de mil e seiscentos e oito annos o p.e D.º Garcia Vig.rº de Sourega recebeo G.º Nogueira cõ Leonor Faioa forão tes.tas Ant.º br.º das fig.ras e Fr.co Ferraz e Roque Coelho e no mesmo dia eu Afonso Faião recebi Ant.º Duarte cõ m.ª glz». M 1 Baltar. De «*Os Braganças na Província do Minho*»; Leonor Fayão «nasceu em Baltar. Foi educada num convento de Vila Viçosa. Faleceu em Cete em 2-10-1633». Da mesma fonte: Afonso Fayão teve dois filhos naturais «duma mulher solteira de Cete, chamada Filipa Gonçalves: Leonor Fayão e Paulo Fayão casado em Cete a 27-12-1622 com Grácia Gonçalves. Cita uma escritura feita nas notas do Tab. de Aguiar de Sousa, Roque Coelho, de 26-10-1622, onde Paulo cede os seus direitos a irmã.

(43) Luzia, ou Luísa Nogueira Fayão, foi b. a 13-12-1612, x com Baltazar Moreira, da Casa de Moreira, em Cete, c. g. Os outros foram Cristina Nogueira Fayão, n. a 27-7-1614, x com Gonçalo Braz, c. g.; Gonçalo Nogueira Fayão, b. a 18-12-1618, † solt.º a 6-5-1654; Tomé, b. a 21-12-1621; Margarida, b. a 22-1-1624, Manuel, b. a 15-4-1626. M. 1 de Cete e «*Os Braganças na Província do Minho*».

(44) M. 1 Baltar, Arq. Dist. do Porto.

(45) F.º de António de Sousa e de sua m.er Maria de Meireles, «senhores da Casa das Pias em Paredes»; neto pat. de António Tomaz, nat. de Vila do Conde, e de sua m.er Maria de Sousa, e mat. de Gaspar Nunes de Meireles, m.or em Duas Igrejas, Paredes, e de Catarina Antónia. N. em Castelões de Cepeda, Paredes a 18-1-1608 e † em Cete a 13-5-1678. L.º acima citado. Na Habilitação para a Ordem de Cristo de seu neto Hipólito de Meireles Afonso Fayão, lê-se: «suposto conste

entre os linhos e estopas de Guimarães, os brocados, a leveza das sedas. Ao desdobrar as peças de tantas fazendas, tentamos desdobrar à pressa o destino de seus filhos: o sacerdócio, o comércio, o Brasil (46). Um, Domingos de Meireles Nogueira, é Familiar do Santo Ofício: “descende de gente mui limpa e seu pai é das melhores famílias da terra”(47). As filhas casam; uma para Fonte Arcada, outras para Guimarães com ricos mercadores(48). Só a segunda, Margarida de Meireles, une-se a uma velha linha de lavradores: à Casa do Contraste, na freguesia de Atães, em Guimarães; António Fernandes é o seu marido(49).

O seu filho mais velho é António Ventura Fernandes de Meireles, nascido no Contraste a 16-9-1659(50). Casa esta geração na lavoura (51), os celeiros vão-se enchendo de pão; o vinho, as mesas e os

que seu avô paterno foi homem de negócio, comtudo não foi mercador, que vende à vara, e covado, mas somente mandava dar pannos para sortirlogear». V. nota 57.

(46) Foram o Padre António de Meireles, Domingos de Meireles Nogueira (nota 47), Faustino de Meireles de Nogueira Fãvão, que embarcou para a Baía, casado com Francisca de Matos Costa, c. g. i.; João de Meireles, no Brasil, e o Padre Manuel de Meireles Nogueira, Vigário de Revinhade. L.º citado na nota 43.

(47) Hab. de Santo Ofício de Domingos de Meireles Nogueira, — m. 11, dil. 262. Carta de Familiar em 4-1-1694. Transcrita no L.º citado na nota 43.

(48) Foram suas f.as: Maria de Meireles Nogueira x com Gonçalo da Fonseca, de Fonte Arcada, c. g.; Margarida de Meireles, (v. nota 49); Cristina de Meireles Fayão, x 1.º com João Luís; a 2.ª com Francisco Martins do Couto, ambos mercadores em Guimarães, c. g.: Jerónima de Meireles Fayão x com Manuel Luís da Fonseca, mercador em Guimarães. Catarina de Meireles Fayão, x com João Duarte do Vale, mercador em Guimarães, e Águeda de Meireles, p. solt.ª

(49) Margarida de Meireles foi b. a 23-11-1636 no Mosteiro de Cete (M. 1) António Fernandes, seu marido, era f.º de Fernão Vicente e de sua m.er Senhorinha Gonçalves, sr.s do Casal do Contraste, em Atães, (M. 1 Atães) e irmão do Rev. do P.e Pedro Fernandes, Reitor de S. Pedro de Torrados, que a 3-6-1655 diz que pelo testamento de sua mãe ficou senhor do Casal (foreiro ao Mosteiro da Costa) com direito de escolher a um dos seus irmãos para a sua sucessão. Escolhe a António Fernandes, com as seg.tes condições: dar, anualmente, a seu pai, Fernão Vicente, enquanto vivo: 70 medidas de pão (10 de centeio, 10 de milho, 3 de trigo e 47 de meado), o terço do vinho, landes, castanha e fruta, «denha q ouver p.ª o seu queimar», semear-lhe duas razas de linhaça com alva dando ele a semente, e tendo-o a viver, em sua casa ou uma das casas da propriedade. Recomenda também as legítimas de suas irmãs, Catarina e Isabel. L.º de notas do Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-50), Arq. Mun. A. Pimenta.

(50) M. 1. Atães, Arq. Mun. A. Pimenta. Casou em Atães a 4-9-1696 com Maria Francisca, do lugar de Gavinho, da mesma freg.ª

(51) Casaram as irmãs de António Ventura: Maria, com Francisco Nunes da Cunha; Catarina e Isabel com dois irmãos do Casal de Sairrão, S. Romão de Mesão

lagares. Reina a paz em Atães; quebra-a um toque a finados, uma chuva mais forte a arrazar as colheitas. A 30-1-1675, “falleceo António Fernandes m.or no lugar do Contrasto. Recebeo os sacramentos da penitencia e o da unsão não Recebeo o sacram.tº da eucaristia por estar incapaz cõ vomitos continuos enterrou-se dentro da Igreja a porta trabessa da banda de sima fez testº”<sup>(52)</sup>. E ainda nos aparece a 24-5-1694 “Margarida de Meireles dona viuva de António Fernandes a comprar umas casas terreas com sua horta e metade dum rocio no lugar do bairro em Atães”<sup>(53)</sup>.

### Século XVIII

Por alvará de 2.8.1710, Domingos de Meireles Nogueira, “natural da Freguesia do Couto do Mosteiro de São Pedro de Cette, termo da Cidade do Porto, filho de António de Meirelles e neto de António de Sousa” é Fidalgo da Casa Real<sup>(54)</sup>. Desde 1716 no húmido claustro da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, capa e capuz preto forrada a seda carmezim, inquirições feitas, reza um neto materno de António de Meireles: o Reverendo cônego Boaventura Martins do Couto<sup>(55)</sup>. Nesse mesmo ano, Hipólito de Meireles Nogueira Fayão tem o filhamento de Fidalgo, como o já era seu pai, Domingos de Meireles Nogueira<sup>(56)</sup>.

---

Frio, Bartolomeu e Francisco Enes, c. g. filhos de Bartolomeu Enes, do mesmo casal, 4.º avô na varonia do 1.º Conde de Margaride.

(52) M. 1. Atães. Com o mesmo nome, mas quase um século depois, aparece esta referência: «1745 — A 14 de Setembro faleceo na Freguesia d’Atães hum nosso Cazeiro do Casal do Contraste, chamado António Fernandes, com cento e tantos annos de idade, que não obtante a fadiga da laboura, nem bebia vinho, nem tomava tabaco.» in «*Tratado Histórico, Catálogo dos Priores do Real Mosteiro da Costa* (Guimarães) in «*Boletim de Trabalhos Históricos*», vol. XXII, n.os 1-4, p. 26. Quem seria?

(53) «Compra de Margarida de Meireles, dona viuva», a 24-5-1694. L.º de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz (10-3-43), Arq. Mun. A. Pimenta.

(54) L.º 4 das Mercês de D. João V, p. 299—Torre do Tombo. V. L.º citado na nota 43, p. 12, e «*Dicionário Aristocrático*», de João Carlos Feo Cardoso Castelo Branco e Torres, p. 450.

(55) «Inquiriçõins do R. do Conigo Boaventura Martins Couto. 1716», in «*Boletim de Trabalhos Históricos*» vol. XII, n-1-4, Inquirições sobre a Pureza do Sangue, p. 52. O cônego Boaventura é filho de Francisco Martins do Couto e de sua m.er Cristina de Meireles (nota 48). Todas as testemunhas dizem ter sido seu pai mercador, e uma fala na vinda de seu tio materno, Domingos de Meireles Nogueira, Familiar do Santo Ofício, a Guimarães, à festa de São Pedro Mártir.

(56) L.º 8 das Mercês de Dom João V, fl. 54 v.º — Torre do Tombo. A mercê é de 10-2-1716 e está transcrita no livro citado na nota 43.

Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo<sup>(57)</sup> Hipólito de Meireles Afonso Fayão, Fidalgo da Casa Real, recebe a 19.5.1734 a sua Carta de Armas, pois “tiradas as inquiriçõins por testemunhas fuy Certo que procede e bem da Jeraçam e linhagem dos Braganças como filho ligítimo de Domingos de Meireles e de sua mulher Maria Barboza neto de António de Meireles e de sua mulher Maria Nogueira Bisneto de Gonçalo Nogueira e de sua Mulher Leonor Fayão a Coal era filha natural do Padre Afonso Fayão e este também filho natural do duque dom teodozio”<sup>(58)</sup>. Ficam registadas as suas armas: “hum escudo Com as Armas dos Braganças em Campo de prata huma aspa bermelha Com cinco escudinhos do Reino elmo de Prata aberto goarnecido de ouro paquife de Prata Bermelho e azul”. Timbre: “hum Cabalo nasente de Prata Com redias bermelhas Com trez laçadas no Pescoso de que quore Sangue e por diferença hũa linha de Contra banda”.

As armas dos Duques de Bragança, ornamentam a linda casa de Hipólito de Meireles Afonso Fayão, abençoada com barrôca capelinha: a da Nogueira, em Cete. Logo a mesma mercê, como descendentes do Sereníssimo Senhor Duque de Bragança Dom Theodózio, por seu filho natural, o Padre Afonso Fayão, recebem os seus parentes<sup>(59)</sup>. No Contraste, onde vive seu primo co-irmão António Ventura Fernandes de Meireles, filhos quase todos para o

---

(57) A diligência para Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, de Hipólito de Meireles Afonso Fayão, filho de Domingos de Meireles Nogueira, vem transcrita no livro citado na nota 43. Diz ser descendente «por bastardia do Sereníssimo Dom Theodózio, Duque de Bragança, e todos os seus antecessores tidos e havidos por pessoas muito nobres, e aparentados com nobilissimas famílias da Provincia de Entre Douro e Minho o que mostrou ao tempo, que lhe foi concedido o filhamento, tanto assim que houve publica vos, e fama de pessoas muito antigas, que a instancia do Duque Dom Teodózio, sendo o de Bragança, El Rey Filipe de Castella, governando este Reyno, concedera bração de armas ao Abade de Baltar Affonso Fayão, e a sua filha Leonor Fayão de que procede». Este Duque, faz notar o Dr. Elísio de Souza, não pode ser Dom Teodózio I, mas sim o II, de igual nome.

(58) Carta de Bração de Armas de Hipólito de Meireles Afonso Fayão, passada a 19-5-1734, copiada na integra no Livro citado na nota 43, p. 15 e 16. Hipólito de Meireles Afonso Fayão x e teve g. Ver L.º acima citado.

(59) Além de Hipólito de Meireles Afonso Fayão, Sr. da Casa da Nogueira, em Cete, onde estão as suas Armas, tiveram carta d'armas de Bragança os seus primos: Francisco Duarte de Meireles, f.º de João Duarte do Vale e de sua mulher Catarina de Meireles, (V. nota 48) da Rua de Santa Maria, em Guimarães, C. de 20-3-1737 e Ventura Fernandes de Meireles, f.º de António Ventura Fernandes de Meireles e de sua m.er Maria Francisca, v. texto; C. de 16-7-1748 —. A Casa de Portuzello, em S. Tomé de Abaçõ, pertencente aos descendentes da Casa do Con-



Sátira caricatural alusiva ao «Livro das muitas e variadas coisas»

Brasil: um casamento. O filho terceiro, Heitor Fernandes de Meireles, lavrador, “recebido à face da igreja” com Isabel de Souza, da freg.<sup>a</sup> de Mesãozinho (60), e “como tal desde 2-2-1743 a fazer vida marital de portas adentro”, faz o seu dote. Por o pai ter feito doação de todos os haveres ao primogénito Ventura Fernandes de Meireles, com obrigação de “acomodar os irmãos”, das mãos deste recebe 400\$000.

Em sepultura de pedra fina e os bens d’alma feitos com muita grandeza, repousa na igreja de Atães, desde 10-9-1745, António Ventura Fernandes de Meireles (61). Da galhardia da Casa de Nogueira, fala-nos, no ano de 1799, o Padre António José Moreira Lopes Ferraz no seu “*Livro Chronológico*”. Usavam então os seus criados: “Farda verde masquelada de branco, casas e botoens metade verde, metade branco, angolados os botoens, e angoladas as casas. Chapeo armado e debruado de galão de prata, largura 3 dedos, perzilha branca, laço preto. Colete de 5 casas e farda de 4” (62).

Na “*História Genealógica da Casa Real*”, Dom António Caetano de Souza, não dá nenhum filho natural ao V Duque de Bragança. E é no reinado de El-Rei Dom João V, a quem é oferecida tão valioza obra, “justificada com instrumentos e Escritores de inviolável fé”, que os Reis de Armas reconhecem, nos vários documentos citados, aos descendentes de Leonor Fayão o sangue real dos Braganças.

---

traste, (por uma irmã de Ventura Fernandes) também tem as armas dos Braganças. Em todas estas cartas é dado como certo descenderem do V Duque de Bragança.

(60) «Dote de Heitor Frz com Isabel de Souza da Frg.<sup>a</sup> de S. Torcato do tr.<sup>o</sup> desta v.<sup>a</sup> de G.es, a 31-5-1743.» L.<sup>o</sup> de notas 22-2-47, Arq. Mun. A. Pimenta, A noiva também levou em dote 400\$000, incluindo a deixa dum tio falecido na Bahia. Os irmãos do noivo, tirando Ventura Fernandes de Meireles, negociante no Porto, tinham partido todos para o Brasil. As irmãs casaram em Guimarães. Eles receberam-se a 2-2-1743, ela filha de Jerónimo Gomes da Silva e de Bernarda de Souza, S.ra do Casal de Pousada, Mesão Frio, M. 3. de S. Romão de Mesãozinho, Arq. Mun. A. Pimenta. «Eitor Fernandes de Meireles do lugar de Sindim marido que ficou de Isabel de Souza, faleceu com todos os sacramentos e sem test.<sup>o</sup> a 13-1799, sep. na Igreja de Atães no numero 28, amortalhado em hábito de S. Francisco». Na mesma sepultura estava sua m.er Isabel de Souza, † em Sindim a 27-6-1789 embrulhada em um hábito de St.<sup>a</sup> Roza. O 1 Atães, Arq. Mun. A. Pimenta.

(61) M. 3., Atães.

(62) V. L.<sup>o</sup> citado na nota 43, p. 12.

*Século XIX*

Felgueiras Gayo diz ter visto nas mãos de António José de Bragança, da Casa de Nogueira, documentos autênticos a provarem ser Afonso Fayão filho de Dom Teodósio<sup>(63)</sup>. O mesmo repetem outros autores.

No seu livro "*Os Braganças da Província do Minho*", mostra o Dr. Elísio de Sousa não ser Afonso Fayão filho natural de El-Rei Dom João IV, como querem alguns, mas sim do V Duque de Bragança, Dom Teodósio I. Trata de toda a sua descendência nos seus variados ramos e ligações. A p. 195, ao falar dos filhos de Heitor Fernandes de Meireles e de sua mulher Isabel de Sousa, escreve:

“6 Dona Ana Maria de Sousa (segue sob o n.º VI, & 1)

6 Ventura Fernandes Gomes

Nasceu em Atães, Lugar de Sendim, a 20 de Setembro de 1745 e foi baptisado na Igreja de São Sebastião — Guimarães a 22. Foram padrinhos Inocêncio de Oliveira, morador na Torre Velha, e Francisca, solteira, tia do baptisado e filha legítima de Jerónima Gomes, do Lugar de Pousada, Mesão Frio.

6 Dona Antónia Maria de Sousa,” etc,etc.

Embora siga com suas irmãs, nada acrescenta a Ventura Fernandes. Continuamos nós. Foi em Atães, a 17.2.1797, que Ventura Fernandes de Sousa, filho legítimo de Heitor Fernandes de Meireles e de sua mulher Isabel de Sousa (e não Ventura Fernandes Gomes) casou com Custódia Maria de Oliveira, Sr.<sup>a</sup> do Casal do Carregal<sup>(64)</sup>. Foram estes os pais, como vimos, de Dona Maria Josefa de Oliveira, avó paterna do Dr. Alfredo Pimenta e de seu irmão Rodrigo Pimenta.

Não sei se ao descer em Guimarães a Rua de Santa Maria, e ao passar pelo n.º 65, pararia o Dr. Alfredo Pimenta. A casa é tão linda, “de janelas de sacada e aventais emolduradas de cantaria”. Nas armas, os cinco escudetes em aspa: no timbre, o cavalo sainte, bridado de vermelho a dar mais encanto à rua. Foram as armas

(63) «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», de Felgueiras Gayo, vol. XIII, tit.º de Farias, & 86 N 14 e vol. XXII, Meireles, & 17.

(64) C. 1, Atães.

concedidas em 1737 a Francisco Duarte de Meireles, por descender do 5º Duque, casado no Brasil com a filha do Tenente General Manuel de Borba Gato, das Minas do Rio das Velhas, no Sabará. Armas usadas por seu filho, o cónego da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira Francisco José Fayão<sup>(65)</sup>. Iguais às concedidas e pelo mesmo motivo, em 1748, a Ventura Fernandes de Meireles, negociante, Familiar do Santo Ofício, morador no Porto, e em Lisboa na rua da Mouraria, tio avô de D. Maria Josefa de Oliveira.

Não sei se ao olhá-las, o autor de "*O Livro das Muitas e Variadas Coisas*", de "*A quem pertencem os Bens da Casa de Bragança*", e dos "*Elementos de História de Portugal*", Alfredo Pimenta pensaria no Serenissimo Senhor Duque Dom Teodózio I, autor de os "*Livros das Muitas Coisas*", seu 9º avô, se a tradição não falha e os documentos setecentistas não mentem.

*Maria Adelaide Pereira de Moraes*

Set. 1982.

---

(65) Foi cónego da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Renunciou à conezia para casar com D. Maria Joana Cardoso, dos Cardosos do Cano, Não teve geração deixando a casa da Rua de Sta. Maria a D. Joana Delfina Cardoso de Menezes, da Casa do Proposto.